

135

ESPONJAS MARINHAS (DEMOSPONGIAE) DA COSTA DA PARAÍBA: TAXONOMIA E ATIVIDADE ANTIINFLAMATÓRIA E ANTIMICROBIANA. RESULTADOS PRELIMINARES. *Maurício Alves de Campos; Carraro, J. L.; Suyenaga, E. S.; Farias, F. M.; Schapoval, E.E.S.; Henriques, A T.; Feitoza, B.M.; Lerner, C.B, Mothes, B.* (Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; Faculdade de

Farmácia UFRGS e Laboratório de Ictiologia UFPB).

Atualmente, as esponjas marinhas têm em foco não só estudos taxonômicos, mas também pesquisas em torno de suas promissoras substâncias químicas. Entre os organismos bentônicos as esponjas são os mais utilizados para investigações, tendo em vista apresentarem metabólitos com significativas propriedades bioativas. O presente estudo tem como objetivo ampliar o conhecimento taxonômico das espécies marinhas da costa brasileira e avaliar sua possível bioatividade. As amostras estudadas foram coletadas através de mergulho autônomo na localidade de Cabedelo, no litoral paraibense a cerca de 10 m de profundidade. As amostras identificadas encontram-se depositadas na Coleção de Poríferos Marinhos do Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. O estudo taxonômico foi realizado através da observação do conjunto espicular e arquitetura esqueletal. Os resultados preliminares indicaram a ocorrência de oito táxons: Astrophorida, Hadromerida, Agelasida, Poecilosclerida e Haplosclerida. Das espécies identificadas, provavelmente três são novas para a ciência. Extratos aquosos e orgânicos das esponjas foram avaliados quanto a sua atividade antiinflamatória utilizando o ensaio de quimiotaxia e, para a verificação da atividade antimicrobiana foi empregado o teste de difusão em ágar com discos de papel. Quatro espécies apresentaram resultados positivos no ensaio de quimiotaxia: *Laxosuberites* sp.; *Myxilla* sp.; *Agelas* sp e *Desmacella* sp. Na análise antimicrobiana, os extratos foram testados contra cepas de leveduras e bactérias, sendo que todos os microrganismos testados mostraram-se resistentes. São necessários novos ensaios para a confirmação da atividade antiinflamatória “*in vivo*”. (Fapergs-BIC/CNPq).